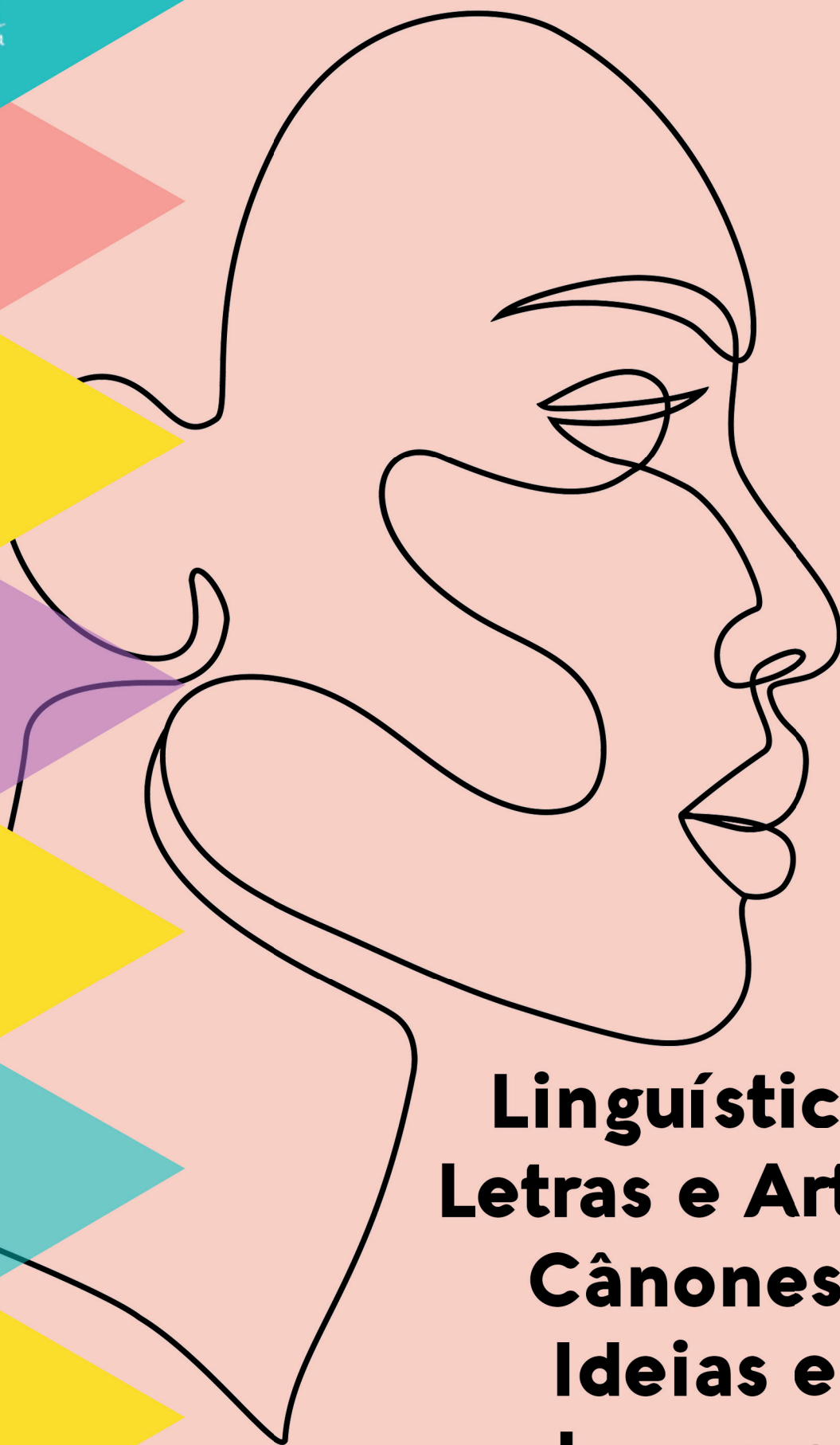
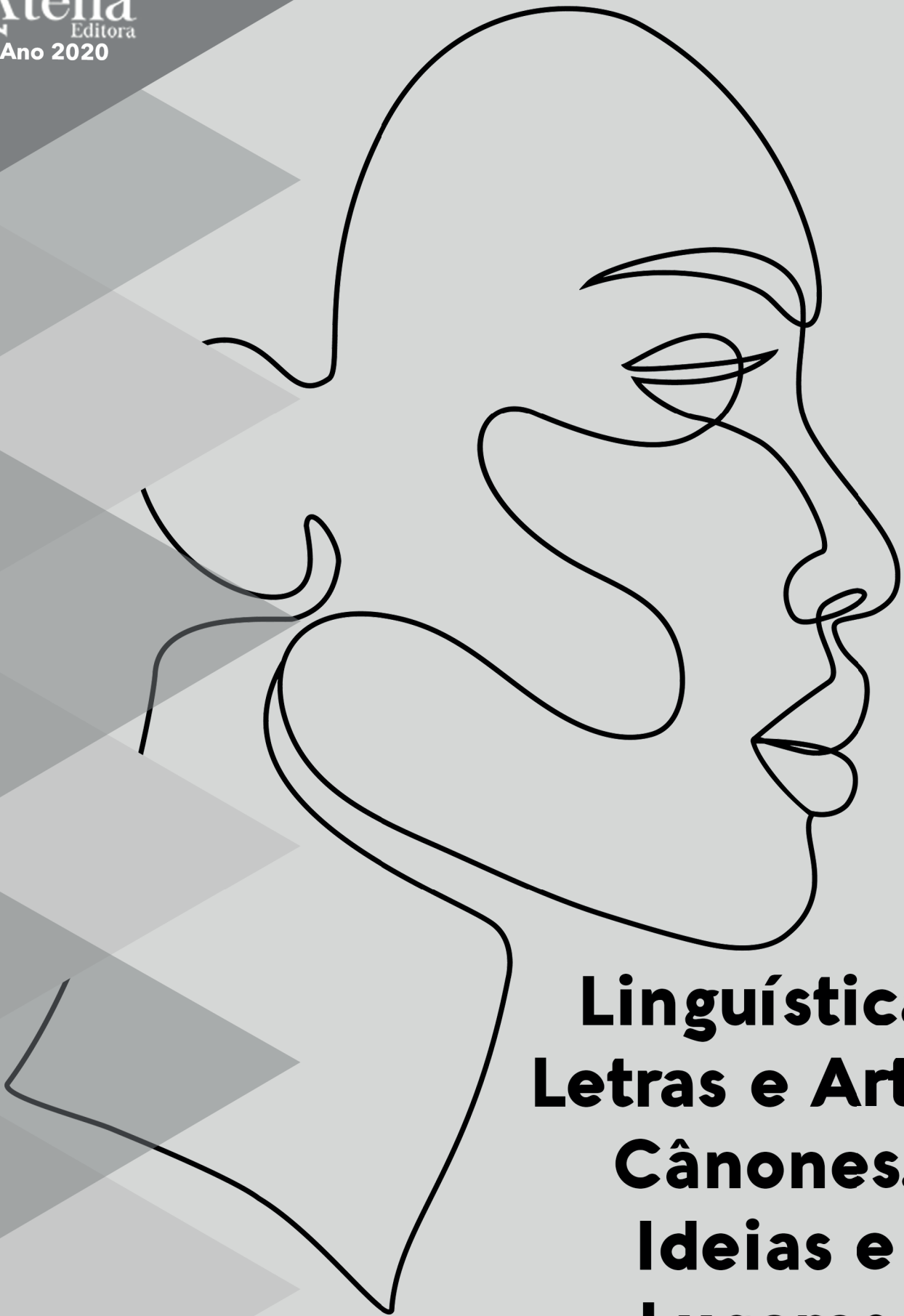


Atena
Editora
Ano 2020



**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 1 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-116-9 DOI 10.22533/at.ed.169201906</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ao escrever esta apresentação não tem como não pensar na situação que o país se encontra imerso. Muitas cidades em isolamento social, outras relaxando as medidas de prevenção e de combate à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2) da Covid-19, que tem ceifado milhares de vida. Seria injustiça da minha parte se no início desta exposição não externasse os meus sinceros sentimentos às pessoas que perderam seus entes queridos. Acredito que este é também o papel das ciências da linguagem, enxergar o ser humano nas suas diversas facetas e a que estamos passando não é uma das melhores, apesar de tudo, há esperanças de que tudo isso passará e, certamente, seremos pessoas melhores.

Falar de linguagem, linguística e arte é falar da comunicação estabelecida no fazer do sujeito. A iniciativa de comunicar ao outro o que está sendo produzido nas diversas regiões do país é uma ação necessária, sobretudo, dos estudos que estão sendo realizados com transparência e monitoração das propostas de investigação científica, já que produzir ciência no Brasil é um contínuo e pleno exercício de resistência no combate às fake News.

Todos os autores que se propuseram na caracterização deste e-book, mostram-se como sujeitos resistentes mediante as ineficiências de incentivos que nos últimos anos têm sido direcionadas à produção de ciência, sobretudo, a ciência linguística, da linguagem e artística no país que ainda não se convenceu de que é somente por meio da educação que escreveremos novas e coloridas páginas de oportunidades na existência desta e das gerações futuras.

Assim, as páginas que contemplam esta obra não são desbotadas pela carência de informações pertinentes que perpassam pelas áreas da linguística, da literatura e das artes. Estas páginas são coloridas com diferentes conhecimentos das áreas diferentes do saber em que todos os seus propósitos, finalidades e evidências de que o conhecimento constrói a diversidade e conscientiza-se na relevância do pensamento científico e da reflexão fortificada em cada discussão.

Neste e-book, estão organizados dezenove capítulos que repercutem a relevância da coletânea pela diversidade das reflexões propostas. Ao detalhar em cada capítulo como a linguagem dialoga com a linguística, com a literatura e com as artes, elaboramos uma cadeia de saberes multifacetados. Sendo assim, nestes dezenove textos temos a certeza de que a ciência se faz na diversidade e no respeito à pesquisa do outro, da sua função de cientista da linguagem marcada com ideias, ideais, contextos e estilos de escrita.

Esperamos que estas reflexões respinguem cores, cheiros e sabores ao contexto social e linguístico que o Brasil e o planeta estão passando. Em linhas gerais, autorizadas são todas as discussões diversas que enxergam nesta coletânea a certeza de que a produção e divulgação de conhecimentos instalem cenários transparentes e necessários da educação na formação dos sujeitos, portanto, resta-nos desejar: boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E O AUTISMO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
Edijane Maíla Martins da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1692019061	
CAPÍTULO 2	12
ESTUDO DOS DISCURSOS NO INSTAGRAM DE INFLUENCIADORAS DIGITAIS DO MERCADO DE MAQUIAGEM: HUDA KATTAN E NIINA SECRETS	
Beatriz Costa Fernandes Pereira	
Fred Izumi Utsunomiya	
DOI 10.22533/at.ed.1692019062	
CAPÍTULO 3	29
A INSTAURAÇÃO DA ARGUMENTATIVIDADE NO DISCURSO DE MEDIATIZAÇÃO DA CIÊNCIA	
Jairo Venício Carvalhais de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.1692019063	
CAPÍTULO 4	41
AS TRAMAS DA ENUNCIÇÃO	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1692019064	
CAPÍTULO 5	51
DA FEITURA DO DASEIN NEOLIBERAL: ANÁLISE SEMIÓTICA DO DISCURSO DO HERÓI DE INFINITE JEST, DE DAVID FOSTER WALLACE	
Henrique Reis Fatel	
DOI 10.22533/at.ed.1692019065	
CAPÍTULO 6	69
A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE DE EMPODERAMENTO DO SUJEITO NEGRO	
Letícia Queiroz	
Epaminondas de Matos Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.1692019066	
CAPÍTULO 7	81
A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS SHAKESPEARIANAS ENQUANTO REPRESENTAÇÕES ESTÉTICAS DA SOCIEDADE ELISABETANA	
Fernanda Rafael da Paz	
Neide Aparecida da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1692019067	
CAPÍTULO 8	89
A PAIXÃO SEGUNDO G.H COMO FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Alice Duarte de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.1692019068	

CAPÍTULO 9	105
CONTOS DE FADAS, FANTASIA E PROTAGONISMO FEMININO: UMA LEITURA DE <i>TRONO DE VIDRO</i> , DE SARAH J. MAAS	
Izabela Fernandes Simão	
DOI 10.22533/at.ed.1692019069	
CAPÍTULO 10	118
A CRIAÇÃO IDEOLÓGICA E O TRAUMA SOBRE <i>O CASAMENTO EM A PORTA E O VENTO</i> , DE JOSÉ BEZERRA GOMES	
Eldio Pinto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.16920190610	
CAPÍTULO 11	132
A MANIFESTAÇÃO DO DIALETO <i>PAJUBÁ</i> NA MÚSICA <i>QUEER</i> BRASILEIRA	
Martiniano Marcelino de Macedo Torres	
DOI 10.22533/at.ed.16920190611	
CAPÍTULO 12	154
A POTÊNCIA DA NARRATIVA E A COMUNIDADE DOS CELIBATÁRIOS EM <i>AS CANÇÕES</i> , DE EDUARDO COUTINHO	
Mírian Sousa Alves	
Renata de Oliveira Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.16920190612	
CAPÍTULO 13	165
A REFRAÇÃO HOMOFÓBICA NO JORNALISMO: ESTUDO DE CASO SOBRE O ASSASSINATO DE BRUNA	
Piero Dutra Vicenzi	
DOI 10.22533/at.ed.16920190613	
CAPÍTULO 14	173
ARQUITETURA WAURÁ - DESCRIÇÃO DO PROCESSO CONSTRUTIVO DA CASA TRADICIONAL DO POVO WAURÁ	
João Mário de Arruda Adrião	
Tirawá Waurá	
Thalysson Paulo Alves Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.16920190614	
CAPÍTULO 15	179
CULTURA E REGILIGIOSIDADE POPULAR, CONGADA EM ANGICAL: BREVE DISCUSSÃO	
Vera Regiane Brescovici Nunes	
Pedro Fernando Sahium	
Washington Maciel da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.16920190615	
CAPÍTULO 16	191
ENTRE ILHAS: ORIGENS, DESVIOS E NARRATIVAS NA MEDIAÇÃO CULTURAL	
Andressa Argenta	
Carolina Ramos Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.16920190616	

CAPÍTULO 17	202
ENTRE O CAOS E A ORDEM: RELAÇÕES SOCIAIS E PERCEPÇÕES SOBRE O TERMINAL URBANO FRANCISCO ALVES RIBEIRO EM RIO BRANCO–ACRE	
Beatriz Tayná Souza Brito	
Marcia Meireles de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.16920190617	
CAPÍTULO 18	213
BRASIL E PORTUGAL NA ENCRUZILHADA: A NEGAÇÃO DO FADO E A AFIRMAÇÃO DO SAMBA (1930-1939)	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.16920190618	
CAPÍTULO 19	232
A DANÇA EM SEUS DIFERENTES RITMOS	
Karolaine Ramada Neves	
Aline Ditomaso	
DOI 10.22533/at.ed.16920190619	
SOBRE O ORGANIZADOR	237
ÍNDICE REMISSIVO	238

A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE DE EMPODERAMENTO DO SUJEITO NEGRO

Data de aceite: 01/06/2020

Letícia Queiroz

Mestranda em Ensino pelo IFMT em associação com a UNIC

Epaminondas de Matos Magalhães

Doutor em Letras. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino (IFMT/UNIC)

RESUMO: O artigo toma como ponto de referência a literatura infantil e juvenil, como um instrumento cultural, perpassado por elementos discursivos, com possibilidades formativas e informativas que interferem culturalmente no processo de afirmação da identidade afro-brasileira, mediante personagens que enaltecem a cor da pele e os cabelos cacheados. O processo reflexivo desenvolvido por meio de um embasamento teórico crítico, tem por base os estudos pós-coloniais que influenciam o currículo escolar. Nossa percepção, é que a literatura possui um papel legitimador de saberes na escola e na tecitura dos processos de descolonização dos espaços institucionalizados, que quase sempre se colocam à disposição para subjugar e subalternizar os povos colonizados. Mediante exercício reflexivo crítico, presente em um conjunto de documentos que incluiu o ensino

da História e Cultura Afro-brasileira no currículo escolar, elegemos em algumas obras o protagonismo negro, mediante representações dos personagens, os quais, colaboram para a afirmação identitária.

PALAVRAS-CHAVE: Descolonização. Literatura. Cultura negra. Identidade negra.

LITERATURE AS THE POSSIBILITY OF EMPOWERMENT OF THE BLACK SUBJECT

ABSTRACT: The article takes children and youth literature as a reference point, as a cultural instrument, covered by discursive elements, with formative and informative possibilities that culturally interfere in the process of declaring Afro-Brazilian identity, using characters that enhance the color of curly skin and hair. The reflective process developed through a critical theoretical basis, based on post-colonial studies that influence the school curriculum. Our perception, that literature has a legitimate role as sabers at school and as a protection against the processes of decolonization of institutionalized spaces, which are almost always available to subject and subordinate colonized peoples. Through a critical reflective exercise, present in a set of documents that includes the teaching of Afro-Brazilian History and Culture in the

school curriculum, he chooses some works of black protagonism, using representations of characters, which, collaboration for an identity.

KEYWORDS: Decolonization. Literature. Black culture. Black identity.

INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, a visão que a sociedade tem desenvolvida em relação ao negro é perpassada por certo distanciamento, e tal perspectiva se faz presente também na literatura. Quando nos textos, o negro ou o descendente de negro se faz presente como um personagem, este é tratado como um ser inferior em todos os aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil, que o coloca sempre na condição de “escravo”, evidenciando na vida e na literatura os indícios de ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca.

Diante deste contexto, Fanon (2008) destaca:

Pois o negro não tem que ser negro, mas sê-lo diante do branco. [...] Aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica. De um dia para outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretensiosamente, seus costumes e instâncias de referências foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta (FANON, 2008, p.104).

Partindo da ideia de que a literatura juvenil se configura como sendo um gênero literário recomendado para os jovens a partir do olhar adulto, na condição de especialistas ou críticos, Peter Hunt (2010) destaca que a literatura se constitui a base no leitor implícito, em se tratando do jovem, em função da idade, refere-se a um leitor em formação com poucas vivências.

No campo da educação sistemática, a literatura infantil e juvenil apontam diferentes modalidades e determinam inovações quanto as oportunidades de leitura, à medida em que os jovens leitores exploram os livros, se fazendo importante uma orientação em conformidade com o planejamento escolar, que consiste na perspectiva do currículo em uma atividade intencional, portanto, proposta com coerência em relação a idade dos alunos, envolvendo a esfera literária como de fundamental importância na formação de futuros leitores e na fruição da literatura por estes.

Em um contexto histórico, a literatura infantil e juvenil surge na França com a denominação de “Literatura Infantil” na segunda metade do século XVIII por meio das fábulas nos modelos La Fontaine, Charles Perrault, dentre outros, em que as obras eram imbuídas de objetivos pedagógicos e morais (COELHO, 1991).

Diante do exposto, a perspectiva letrada, desenvolvida na Europa, influenciou a estrutura literária, voltada para as crianças e jovens no Brasil por meio de um projeto político-pedagógico à imagem e semelhança europeia.

Via de regra, a imagem da criança presente em textos desta época é estereotipada, quer como virtuosa de comportamento exemplar, quer como negligente e cruel. Além de estereotipada, essa imagem é anacrônica em relação ao que a psicologia da época afirmava a respeito da criança. Além disso, é comum também que esses textos infantis envolvam a criança que os protagonizam em situações igualmente modelares de aprendizagem: lendo um livro, ouvindo histórias edificantes, tendo conversas educativas com pais e professores (LAJOLO; ZILBERMAM, 1986, p. 34).

Referência na literatura brasileira, Monteiro Lobato no ano de 1920, sai na frente na produção literária infantil e juvenil, mediante escrita perpassada de invenções, originalidade, e que problematiza o racismo, situação denunciada por Débora Cristina Araújo no artigo ‘A produção literária infanto juvenil brasileira e as relações raciais: conjunturas, limites e possibilidades’ (2011). “E sobre o racismo especificamente, a criança munida de condições adequadas de interpretação, pode desvelar formas simbólicas que corroboram a manutenção de hierarquizações” (ARAÚJO, 2011, p. 5). Neste período, a literatura ganha espaço no mercado e passa a ser um aparato valioso no ambiente escolar, criando novas estruturas econômicas ao mercado.

Muitas tem sido as divulgações quanto as diferentes formas de discriminações, estereótipos, negações, inferiorizações ou subalternizações dos negros no currículo escolar, nos livros didáticos e paradidáticos desde a década de 1950 até o presente instante e que têm sido denunciadas por pesquisadores em todo o Brasil.

As diferentes pesquisas evidenciam as formas de discriminações presentes nos cotidianos das escolas, por meio de hierarquias raciais, perpassando o currículo, determinação institucional e de gestão, relações interpessoais entre professores e alunos e entre pares, livros dirigidos aos estudantes, tais como: livros didáticos ou de literatura. A preocupação permanente diz respeito ao impacto dos estereótipos nos estudantes, fortemente influenciados para as negações das identidades negras, para a desvalorização de grupos de pertença dos/as estudantes, para a incorporação de valores eurocêntricos.

Ao longo do tempo, as questões de articulações sócio-históricas-culturais e discursivas, interferiram e interferem diretamente na literatura juvenil desenvolvida no Brasil. Fúlvia Rosemberg (1985) descreve como a literatura infanto-juvenil é perpassada por modelos culturais que interferem no sentido social da infância por meio da representação das histórias e das ilustrações, com base na relação “criação- produção-difusão-consumo”, manifestando discriminações “contra as categorias de idade, sexo, cor-etnia, incidentalmente, de origem sócio-econômica (ROSEMBERG, 1985, p. 20).

As obras literárias são perpassadas por representações sociais-históricas-culturais, manipuladas na escola para influenciar, como é o caso, às vezes da questão relativa a idealização de brancura, conforme Rosemberg constatou:

Detectamos, percebemos e denunciemos, a ocorrência de preconceito acintoso e revoltante – sexual, étnico-racial e econômico- ao lado de um discurso educativo, emulador de altos princípios éticos. [...] O homem branco adulto proveniente dos estratos médios e superiores das populações é o representante da espécie, o mais frequente nas estórias, aquele que recebe um nome próprio, aquele que se reveste da condição de normal (ROSEMBERG, 1985, p. 77).

Podemos inferir que as normativas educacionais apresentam um desafio epistemológico e prático em relação ao currículo e aos dispositivos desenvolvidos nas escolas em todo o Brasil, ao indagar sobre a estrutura hegemônica solidificada na edificação de uma cultura com base eurocêntrica, que trabalhou por muito tempo de forma estratégica no silenciamento e na subalternização dos demais saberes.

A partir da década de 90, por meio da ação dos Movimentos Sociais Negros, passaram a reivindicar políticas específicas voltadas para as populações negras, mediante articulação destas, com as políticas de cunho universalistas igualitárias e para a educação de qualidade para todos, garantido legalmente pela Constituição Federal de 1988, o que permite a garantia de direitos, para a população negra, que passaram a fazer parte da agenda oficial do governo, criando o Conselho do Negro, órgãos governamentais com representações dos movimentos sociais e inclusões do debate sobre a diversidade étnico-racial no Conselho Nacional de Educação.

O ano de 2003 consistiu em um marco para a educação no campo da diversidade. A alteração dos artigos 26-A e 79-B da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN/96), que passou a obrigar os sistemas educacionais brasileiros, por meio da Lei Nº 10.639/2003 a contemplar em seus currículos a história e cultura afro-brasileira, sinaliza a superação dos currículos monoculturais. Na prática, a proposta possibilita a mudança epistêmica, em que as práticas pedagógicas não sejam silenciadas diante da herança eurocêntrica que hierarquizou, subalternizou e desumanizou as pessoas colonizadas. Também a Lei Nº 11.645/2008 instituiu o ensino de História e Cultura indígena nos currículos escolares.

A Resolução CNE/CP nº 01 de 17 de março de 2004, instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana. E a Lei Nº 12.711 de 29 de Agosto de 2012 garantiu a reserva de 50% das matrículas por curso nas 59 universidades federais e 38 institutos federais.

Fica evidente, a possibilidade de uma escola democrática e antirracista, assim como o desenvolvimento de instrumentos a ela destinados, como o livro de literatura juvenil, objetivando ressignificar, as cicatrizes da colonialidade, que perpassam os discursos hegemônicos presentes no currículo escolar e no fazer pedagógico. É diante deste cenário que identificamos a literatura juvenil como discurso que adentra as escolas e que pode trabalhar em uma trajetória de (re) construção e fortalecimento identitário negro.

Não se trata, portanto, da invisibilidade da cor, mas da intensa visibilidade da cor e de outros traços fenotípicos aliados a estereótipos sociais e morais para uns, e a neutralidade racial para outros. As consequências dessa visibilidade para negros são bem conhecidas, mas a da neutralidade do branco é dada como "natural", já que ele é o modelo paradigmático de aparência e de condição humana (PIZA, 2002, p. 72).

Diante das questões até aqui apresentadas, buscamos analisar alguns livros selecionados tendo como critérios materiais que possuem um potencial descolonizador.

A MUDANÇA DE FOCO

Alguns estudiosos como Homi Bhabha (1999), Edward Said (2001) e Stuart Hall (1997) chamam a atenção para a influência colonizadora na formação social de modelos epistemológicos e curriculares de bases eurocêntricas, de modelos universais e generalistas que não favorecem os saberes locais.

O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta ideia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente. (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131)

Diante do exposto, nossa percepção é a de que, o protagonismo pode ser proporcionado pela literatura infantil juvenil como veículo impulsionador do exercício do direito, as diferenças e contraposição, aos modelos universais nas relações políticas, econômicas, culturais, sociais e de representações aos jovens.

No Brasil, as formas de resistências e enfrentamentos, ao modelo imposto pela colonialidade, em se tratando da educação, acontece mediante ações e reivindicações dos Movimentos sociais, em especial do Movimento Negro. As denúncias relativas à presença do racismo, preconceito, subalternização do negro nos currículos escolares e livros didáticos e paradidáticos, o silenciamento em relação a discriminação racial no universo escolar, provocam os legisladores no sentido de elaborar e implementar políticas públicas de cunho pedagógico para contrapor-se à hegemonia epistêmica colonial e, dessa forma, possibilitar a descolonização curricular, com o olhar para outras possibilidades inclusivas.

As legislações anteriormente mencionadas se constituem como o resultado de um intenso movimento de resistência e subversão à imposição da colonialidade, ao evidenciarem significativos avanços, ao abrir o diálogo com articulação aos saberes indígenas e afro-brasileiros no currículo escolar, na perspectiva da interculturalidade crítica e decolonial como instrumento pedagógico, o que em conformidade com o pensamento de Walsh:

[...]questiona continuamente a racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, visibiliza maneiras diferentes de ser, viver e saber e busca o desenvolvimento e criação de compreensões e condições que não só articulam e fazem dialogar as diferenças num marco de legitimidade, dignidade, igualdade, equidade e respeito, mas que – ao mesmo tempo - alentam a criação de modos ‘outros’ – de pensar, ser, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras. A interculturalidade crítica e a de-colonialidade, nesse sentido, são projetos, processos e lutas que se entrecruzam conceitualmente e pedagogicamente, alentando forças, iniciativas e perspectivas éticas que fazem questionar, transformar, sacudir, rearticular e construir. Essa força, iniciativa,

Podemos afirmar que o fenômeno da colonialidade em nosso país, tem sido desenvolvido pelos discursos relativos ao mito da igualdade racial, e as legislações existentes, que se apresentam como formas de resistências na implementação deste mito. Contudo, elas têm orientado a prática de uma educação para as relações étnico-raciais nas escolas brasileiras e indicam o êxito das políticas de Estado, na busca pelo reconhecimento, a valorização e a visibilidade da cultura, da história e da afirmação identitária em especial do negro.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO PROCESSO DE EMPODERAMENTO E CRIAÇÃO DE IDENTIDADES

Nilma Lino Gomes (2002) destaca que a relação com o corpo faz parte da cultura e do pertencimento social, sendo que o corpo passa por alterações por meio da cultura e se apresenta como imprescindível para a afirmação da identidade, considerando padrões sociais e culturais. Tais mudanças no corpo, ainda guardam em si o processo de humanização, em que regista padrões estéticos contextualizados culturalmente, a que se dispõe os sujeitos. Neste sentido, esse corpo pode ser utilizado como forma de protesto contrário a indústria cultural, assim como de maneira massiva obedecendo padrões estéticos, referenciado pelas mídias. Assim, podemos afirmar que as evidências culturais contidas no corpo e impressas ao longo do tempo, se constituem como marcas construídas socialmente e historicamente.

É perceptível que por muito tempo, as discussões relativas às questões raciais e identitárias de negros/negras foi desenvolvida na escola, mediante discursos de subalternização dos corpos, conforme evidenciados nos livros de história por maus-tratos corporais. Impossível verificar precisamente as consequências deste tipo de discurso na vida dos muitos estudantes negros.

O sentimento em relação ao pertencimento para parte significativa dos estudantes negros construídos socialmente no Brasil, foi de assimilação cultural em relação ao branqueamento.

[...] aplicada de maneira específica à experiência histórica latino-americana, a perspectiva eurocêntrica de conhecimento opera como um espelho que distorce o que reflete. Quer dizer, a imagem que encontramos nesse espelho não é de todo quimérica, já que possuímos tantos e tão importantes traços históricos europeus em tantos aspectos, materiais e intersubjetivos. Mas, ao mesmo tempo, somos tão profundamente distintos. Daí que quando olhamos nosso espelho eurocêntrico, a imagem que vemos seja necessariamente parcial e distorcida. Aqui a tragédia é que todos fomos conduzidos, sabendo ou não, querendo ou não, a ver e aceitar aquela imagem como nossa e como pertencente unicamente a nós. Dessa maneira seguimos sendo o que não somos. E como resultado não podemos nunca identificar nossos verdadeiros problemas, muito menos resolvê-los, a não ser de uma maneira parcial e distorcida (QUIJANO, 2005, p. 235).

Tal processo encontra-se, em pleno exercício de desconstrução em vários espaços, dentre os quais, no escolar e nos materiais mercadológicos, elaborados com a finalidade de suprir demanda no campo da educação. Tendo em vista o imperativo de evidenciar nos artigos escolares outras representações, a legislação existente colabora em muito para este processo necessário de mudanças positivas, uma vez que o espaço identitário afirmativo da juventude negra, passa necessariamente pela corporeidade.

Em conformidade com o pensamento de Nilma Lino Gomes aponta (2002), é mediante o cabelo crespo e a cor da pele que

O discurso pedagógico, ao privilegiar a questão racial, não gira somente em torno de conceitos, disciplinas e saberes escolares. Fala sobre o negro na sua totalidade, refere-se ao seu pertencimento étnico, à sua condição socioeconômica, à sua cultura, ao seu grupo geracional, aos valores de gênero etc. Tudo isso se dá de maneira consciente e inconsciente. Muitas vezes, é por intermédio desse discurso que estereótipos e preconceitos sobre o corpo negro são reproduzidos. Será que eles são superados?

O discurso pedagógico proferido sobre o negro, mesmo sem referir-se explicitamente ao corpo, aborda e expressa impressões e representações sobre esse corpo. O cabelo tem sido um dos principais símbolos utilizados nesse processo, pois desde a escravidão tem sido usado como um dos elementos definidores do lugar do sujeito dentro do sistema de classificação racial brasileiro (GOMES, 2002, p. 4).

A literatura juvenil aos poucos tem recebido produções com capacidade de promover essa reflexão, e referenciar as representações étnicas como a do negro, de forma a descentralizar o foco de representação da branquidade, considerando que este evidenciam como protagonistas outros fenótipos, que por muito tempo serviram para ultrajar e serviram para subalternizar algumas etnias, dentre elas a negra, durante parte significativa do século XVIII e XIX e que reaparece no tempo atual, na fusão entre corpo e história como um espaço cultural, político e social de afirmação identitária. O que significa que a transposição de tais atributos como cor de pele, cabelos e outros traços para a literatura, possibilita certa identificação com um projeto maior, denominado descolonização.

A quebra de paradigmas, padrões, preconceitos e estereótipos raciais, surgem como uma luta pela valorização do negro/negra e funda novas representações por meio de obras literárias, na valorização identitária no Brasil. Pensar em tais características é contextualizarmos novas formas de aprender, seja no ambiente escolar e na sociedade.

Alguns atributos, como o cabelo cacheado, foram e continuam a ser motivos de racialização e preconceito e que agora se apresentam como meios para fortalecer construção e reafirmação da identidade. Ou seja, (re)afirmam um lugar corpóreo cultural, na representação da arte como lugar de expressão do negro em territórios antes considerados 'neutros', mas sempre estabelecido mediante discursos de branquidade. "Dentre as formas latentes de discriminação contra o não-branco, talvez seja a negação de seu direito à existência humana, ao ser a mais constante: é o branco o representante da espécie" (ROSEMBERG, 1985, p. 81).

Na atualidade, a literatura se apresenta como um lugar de representação de não-brancos, sendo de fundamental importância para desenvolver o processo de descolonização da juventude, mediante aspectos de afirmação via corporeidade.

Neste sentido podemos destacar algumas obras, que mesmo sendo relativa ao universo infantil auxiliam na análise quanto aos personagens, focando o cabelo cacheado, traço essencial no contexto da afirmação identitária, pelo ato político e social que cada cacho guarda, e também a cor da pele.

O cabelo de Lelê - de Valéria Belém é ilustrado por Adriana Mendonça. Trata-se de uma narrativa que apresenta uma personagem negra que não gosta do seu cabelo. Na história, a personagem guarda, em cada um dos seus lindos cachos, particularidades de sua ancestralidade e vai ao encontro do seu processo de empoderamento, de sua história, cultura e pertença. Num dado momento da história, a personagem se põe a refletir sobre seu cabelo, percebe que seu padrão de beleza foge daquilo que é comercialmente requerido pela sociedade marcada pelo eurocentrismo.

A obra evidencia que a literatura na perspectiva de um produto cultural, vinculado a indústria massiva de consumo, nos leva a questionar a fronteiras entre: o belo idealizado comercialmente e o belo experienciado como natureza fenotípica real. Neste sentido, ao final da história: “Lelê gosta do que vê!/ Vai à vida, vai ao vento/ Brinca e solta o sentimento/ Descobre a beleza de ser como é/ Herança trocada no ventre da raça/ Do pai, do avô, de além-mar até” (BELÉM, 2007, p. 12).

A essência da obra está no fato da protagonista se sentir bonita em função dos seus cabelos cacheados. Na prática, seu senso estético é elaborado pela compreensão e apropriação da cultura afro-brasileira, em que a identidade consiste em uma afirmação coletiva que se enraíza na história.

Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!, de Lucimar R. Dias é ilustrado por Sandra Beatriz Lavandeira. O livro evidencia a importância da naturalização da infância, onde a família consiste em um espaço de formação e de construção identitária, uma vez que cada membro possui características e gostos diferentes, além de assumir igualmente papéis distintos no dia a dia do contexto familiar.

A protagonista da história é detentora de uma beleza peculiar, inteligência e esperteza. “Vou apresentar uma menina muito especial. Ela é linda, inteligente e muitíssimo sapeca.” (DIAS, 2012, p.1-2). Ao longo do texto, fica perceptível que todos se respeitam e a protagonista faz questão de afirmar sua cor de pele e seu cabelo.

A fada crespa, de Danielle Andrade, ilustrada por Flávia Bomfim, apresenta um cenário na cidade de Salvador na Bahia e trata-se de uma narrativa que possibilita a criança adentrar ao mundo mágico das fadas. Uma fada negra e com cachos é a protagonista da história que recebe conselhos de uma fada mais velha Cici em alguns instantes. O texto evidencia a sabedoria e orientação do arquétipo da avó, pessoa sábia que viveu muito e sabe aconselhar, e instiga a fada a resolver um problema: voar sem asas.

A narrativa apresenta o mundo do faz de conta que é imprescindível para destacar a forma pela qual as representações arquetípicas dos seres mágicos, em especial as fadas, podem ser negras, desenvolvendo outros valores com capacidade para ultrapassar as representações eurocêntricas e mercadológicas.

Nikké de Édimo, de Almeida Pereira é ilustrado por Angelo Abu, de maneira poética apresenta as aventuras de Nikké, personagem negra que possui cabelos crespos e neste, a cronologia relativa ao dia ou a noite. A protagonista da história ajuda mulheres a mudar o visual. Em função dessa ajuda, algumas mulheres presentearam a menina, com fios de cabelos pretos e loiros, utilizados pela personagem para lançar um cometa no espaço. Muitas são as aventuras experienciadas pela personagem, dentre elas uma especial em uma tribo, destacando a figura ancestral do griô, um contador de história africano extremamente sábio, que ensina grandes lições mediante práticas das histórias orais.

Chico Juba, escrito por Gustavo Gaivota e ilustrado por Rubem Filho, conta a história de um garoto cabeludo, que se torna cientista para criar um xampu com a finalidade de mudar seu cabelo. Muitos foram os inventos desastrosos de Chico que fizeram com que ele ficasse assustado e passasse a aceitar a sua Juba. A obra possibilita discutir a questão racial por meio do cabelo, em especial em função do recorte de gênero, uma vez que o protagonista da história é do sexo masculino, o que se difere em geral da maioria dos livros em que as personagens são do sexo feminino, o que é intencional. Embora a estética feminina seja mais valorizada em função dos padrões de beleza e do status, trabalhar a questão pelo viés masculino é igualmente importante, pois, em se tratando da questão identitária e do empoderamento, os meninos também precisam ser formados e informados.

Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado e ilustrado por Claudios, apresenta uma história que se parece com a de várias crianças que não passaram por um processo de construção de identidade, e por esta razão ao experienciarem uma situação de racismo, sofrem para justificar a sua cor negando cada vez mais a suas origens.

O livro permite um leque de reflexões e ações para mostrar às crianças, futuros jovens, suas origens, como forma de resgatar uma memória coletiva, perpassada por significados relativos à sua história de vida, de forma a estimular as crianças a tornarem-se pesquisadoras de si mesmas, uma vez que, em conformidade com o pensamento de Martins (2011, p. 17) “Nós nos reconhecemos e nos reconstruímos na relação com o outro.

Fica evidente que valorizar a negritude por meio da literatura infantil consiste em criar possibilidades para as crianças se reconhecerem, em outros referenciais. Trata-se, portanto, de alguns pontos de partida com muitas chegadas, uma vez que a literatura possibilita desenvolver ações e reflexões, sobre o mundo e suas potencialidades, bem como, a forma de nos colocar diante deste mundo. A obra *Menina bonita do laço de fita* abre esta possibilidade.

Podemos afirmar que todas as obras mostram que as crianças protagonistas

possuem sua individualidade, perpassada pela afirmação identitária racial da infância sem estereótipos de traços físicos, ou posturas caricatas, como destaca Nilma Lino Gomes (2002, p. 2) “O corpo surge, então, nesse contexto, como suporte da identidade negra, e o cabelo crespo como um forte ícone identitário.”

É evidente que os livros aqui citados apresentam certas estruturas no nível simbólico para o ser e viver a infância com a afirmação e possibilidade de ser criança sentindo-se belo objetivando chegar à juventude sem medos e traumas em relação ao ser negro. Ou seja, assumir-se enquanto pessoas igualmente dotadas de direitos por meio a afirmação das marcas e dos traços de negritude e na valorização da diferença como aspecto positivo com ênfase na estética em uma beleza diferente da proposta colonial estética de valorização do eurocentrismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferentes produções da literatura evidenciadas neste artigo, buscam tornar natural e ao mesmo tempo afirmar as representações identitárias mediante personagens protagonizadas por pessoas negras. Tal recurso coloca o produto cultural como possibilidade de incluir na pauta escolar, questões pertinentes as representações das crianças e dos jovens negros, afirmando de forma positiva, a identidade deles e fortalecendo a estima, mediante a cor de pele e por meio do cabelo cacheado.

A interpretação e escolha das histórias, considerou os aspectos afirmativos, relevantes para a descolonização da infância, em função dos atributos estéticos do negro. Nesta direção, a literatura aqui apresentada foi intencional, no sentido de alterar a ordem nas relações de poder dominante, no processo de produção e desenvolvimento de livros protagonizados por brancos e apontando certos espaços de resistências, em relação à permanência do privilégio nos discursos de formatos universais e generalistas.

Os diferentes livros escolhidos e apresentados neste texto, buscam além de ir ao encontro dos aspectos legais de realização da inclusão e da valorização da diversidade, mediante uma nova orientação para a formação e representação identitária da criança e do jovem negro, por meio da temática abordada, possibilitar a criação e pronúncia de outros discursos para a autoidentificação da criança sem o olhar cultural eurocêntrico, descolonizando espaços e inserindo representações condizentes com o mundo, perpassado de ações alteritárias.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Danielle. Ilustrado por Flávia Bomfim. **A fada crespa**. Disponível em: < <http://movicontinuo.blogspot.com.br/search?q=fada+crespa> >. Acesso em 10 de abril de 2020.

ARAÚJO, Débora Cristina. **A produção literária infanto juvenil brasileira e as relações raciais: conjuntura, limites e possibilidades.** (2011) Disponível em: <http://livrozilla.com/doc/602279/d%C3%A9bora-cristina-de-araujo---xi-congresso-luso-afro-brasil...> Acesso em 14 de março de 2020.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n.11, p. 89-117, maio/ago. 2013.

BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

BELÉM, Valéria. Ilustrado por Adriana Mendonça. **O cabelo de Lelé.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003a, p. 01.

Disponível

_____. **Parecer 03/2004 do Conselho Pleno do Conselho Nacional de educação.** Brasília: MEC, 2004.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.

_____. **Plano Nacional para a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana,** 2009.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/ juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo.** 4ª ed. Ática, 1991.

DIAS, Lucimar R. **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!** Ilustradora Sandra Beatriz Lavandeira. Mato Grosso do Sul: Alvorada, 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300004> Acesso em 05 de Março de 2020.

GAIVOTA, Gustavo. **Chico Juba.** Ilustrado por Rubem Filho. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para Crianças: Para conhecer a Literatura Infantil Brasileira: Histórias, autores e textos.** São Paulo: Global ed. 1986.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura Infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In:

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. (Org). **Literatura Afro-brasileira.** Salvador: Centro de estudos afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1997. HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LEITE, Dante Moreira. Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos primários brasileiros. **Psicologia**, São Paulo, n.3, p. 207-31, 1950.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo. Ed. Ática, 2011.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.

MARQUES, Eugênia P. de S.; ALMEIDA Alexandrina de; SILVA, Wilker S. A **Percepção do preconceito e da discriminação racial no ambiente escolar**. Disponível em <http://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/viewFile/461/427> Acesso em 10/02/2020

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Imagem, identidade e escola**. In: Salto para o futuro. Cultura visual e escola. TV Escola. Ano XXI. Boletim 09- Agosto/2011.

MIGNOLO, Walter. **Histórias globais/projetos locais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para branquitude. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida da Silva (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, p. 59-90, 2002.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTROGÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER,

E. (Org.). **A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais**. Trad. Júlio César Casarin Barroso Silva. 3. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 227-278.

PEREIRA, Édimo de Almeida. Nikkê. Belo Horizonte: Mazza, 2011. ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1985.

ROSEMBERG, Fluvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Vinícius Baptista da. Racismo nos livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, 2003, v. 29, n. 1, p. 125-146.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. **Relações raciais em livros didáticos brasileiros: uma síntese da literatura**. São Paulo: PUC/SP, 2002.

WALSH, Catherine. "Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver". CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 71, 100, 192, 193, 195

Argumentatividade 29, 31, 34, 36

Arquitetura indígena 173

Autismo 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

C

Casamento 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Categorias 24, 25, 36, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 71, 109, 125, 158, 165, 168, 180, 209, 211, 217

Cena enunciativa 41, 45

Cinema 17, 63, 84, 135, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 219, 226, 229

Comunidade 154, 163

Congada 179, 180, 181, 185, 186, 187, 188, 189

Contos de fadas 105

Criação sociológica 118

Cultura 4, 16, 28, 55, 63, 65, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 93, 104, 109, 121, 122, 133, 146, 147, 154, 160, 163, 167, 173, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 200, 201, 223, 230, 232, 233, 235, 236

Cultura negra 69

D

Descolonização 69, 73, 75, 76, 78

Dialeto 132, 133, 134, 135, 136, 137, 141, 143, 147, 148

Discurso 12, 15, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 74, 75, 126, 140, 142, 146, 156, 158, 165, 168, 170, 171, 172, 186, 193, 214, 216, 229

Divulgação científica 11, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40

E

Eduardo Coutinho 154, 155, 158, 163, 164

Educação Básica 89, 90, 91, 92, 95, 103, 173

Enunciação 20, 32, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 60, 62

Enunciados 36, 38, 41, 44, 46, 48

Estrutura de madeira 173

Etnoarquitetura 173, 174, 178

Existencialismo 89, 91, 92, 93, 94, 98, 102, 104

F

Fantasia 5, 90, 91, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116

H

Homofobia 143, 165, 171, 172

I

Identidade negra 69, 78

Influenciadoras Digitais 12, 14, 15, 21, 25, 26, 27, 28

Instagram 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 65

J

Jornalismo 20, 31, 165, 166, 167, 171, 172, 222

L

Lexicologia 51

Língua Inglesa 1, 3, 7, 8, 10, 27, 81, 106, 137

Literatura 59, 60, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 114, 115, 117, 118, 122, 130, 163, 180, 182, 204, 229

Literatura Brasileira 71, 89, 90, 91, 101, 102, 103, 104

M

Madeira 173, 174, 176

Manifestação Popular 179, 188

Maquiagem 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 149, 158

Memória 3, 77, 98, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 131, 154, 156, 157, 159, 162, 163, 179, 184, 189, 229

N

Narrativa 15, 20, 25, 47, 48, 58, 63, 66, 67, 76, 77, 95, 96, 97, 100, 102, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 130, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 186, 187, 191, 196, 198, 200

Neologismo 51, 53, 58, 60, 61, 62, 63

Notícia 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

O

Objetividade 29, 31, 33, 34, 35, 36, 39

P

Pajubá 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150

Poética 77, 95, 118, 119, 120, 121, 129, 131, 198, 219, 228

Protagonismo feminino 105, 106, 108, 111, 115

Q

Queer 132, 133, 137, 138, 139, 140, 146, 147, 148, 149, 165, 166, 167, 168, 170, 171

R

Religiosidade 179, 180, 181, 184, 185, 186, 189

Romance 51, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 61, 65, 67, 68, 91, 92, 93, 95, 97, 100, 102, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 129, 130

S

Semântica 4, 50, 51, 53, 66, 67, 68

Semiótica 15, 20, 25, 28, 49, 50, 51, 54, 59, 67, 68, 192

Sociolinguística 132, 133, 136, 147, 148

Subjetividade 29, 31, 33, 34, 36, 39, 40, 51, 65, 92, 93, 97, 139, 197

V

Vernacular 173

 **Atena**
Editora

2 0 2 0